

Globalização x tribalização

SYLVAIN LEVY

Médico sanitário e psicanalista

*O Tejo é mais belo que o rio
que corre pela minha aldeia
Mas o Tejo não é mais belo que o
rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre
pela minha aldeia*

Nas palavras de Alberto Caeiro, um dos pseudônimos do genial Fernando Pessoa, é possível encontrar uma idéia sobre os movimentos separatistas que sacodem o planeta, por outras razões que não o tamanho das populações ou da importância dos países envolvidos nesses episódios. Para demonstrar isso, bastam duas informações sobre as três mais recentes tentativas de separação: Kosovo, Ossétia do Sul e Abcásia.

Kosovo tem 10.887 km² e 2,5 milhões de habitantes. A Ossétia do Sul, 3.900 km² e 70 mil habitantes e Abcásia, 8.432 km² e estimados 177 mil habitantes. Juntos, representam 23.219 km² e menos de 2,8 milhões de pessoas. Ou seja, formam uma área equivalente à de Sergipe, com a população de Brasília e algumas cidades do entorno. Para o mundo, isso e nada é a mesma coisa.

É nesses movimentos separatistas que, hoje, pode ser encontrada a maior confrontação aos conceitos e preceitos da globalização, evidenciando que a maior resistência à globalização não está vindo de agentes econômicos, políticos e sociais, mas sim de

sentimentos e pensamentos dos indivíduos. Ela pode ser notada nos diversos movimentos separatistas que vão sendo dados à luz, ou se reafirmam, na medida em que os grandes blocos econômicos estão se constituindo — União Européia, Mercosul, Nafta etc. É a etnia se sobrepondo à economia.

Alguns desses movimentos são recentes, outros remontam a centenas de anos. Talvez a milhares. Eles ocorrem tanto em regiões distantes entre si, como em áreas contíguas: Kosovo, Galícia, Catalunha, País Basco, entre os índios da Reserva Raposa Terra do Sol, Ossétia do Sul e Abcásia. Mas podem ser encontrados, também, na pretensão da inclusão de novos idiomas como línguas oficiais de blocos geográficos, como, por exemplo, o guarani, conforme demanda do Paraguai, no Mercosul.

Ambas as atitudes — busca de independência e de inclusão, têm a mesma motivação: a de reafirmar identidades nacionais, de nação (o que é subjetivo) e não de pátria (conceito objetivo, geográfico, com delimitação de fronteiras). O primeiro passo tem sido o de preservar a cultura, as histórias, as representações, os símbolos e sinais e manter em uso um idioma que una, como no caso do idish, para os judeus da diáspora e o romani, o idioma dos roma e dos sintos, aqueles povos nômades geralmente conhecidos pela designação de ciganos. A proposta de construção de uma pátria vem em segundo lugar, estágio conceitual e pragmático já alcançado, por exemplo, pelos palestinos.

A reafirmação da identidade, inerente a

cada indivíduo, teve sua primeira representação na busca e encontro de iguais. Por similitude os homens se transformaram em semelhantes. Mediante identificações sucessivas constituíram famílias, tribos e nações. Hoje perfazem o caminho inverso quando não se encontram identificados com a maioria da população do local onde aportaram.

Mesmo que a tribo de poucas dezenas de indivíduos não tenha se transmutado, durante os séculos, em um aglomerado de quase 3 milhões de pessoas, como em Kosovo, e tenha se organizado em torno de alguns milhares de componentes, como na Abcásia ou Ossétia, ficaram solidamente plantados os germes de uma identidade histórica, cultural, lingüística, religiosa (às vezes) e, fundamentalmente, espiritual.

Porém, não é o tamanho da tribo que vai determinar o sucesso de busca por independência. Será o poder que ela conseguir azeitar, política, financeira ou militarmente e o grau de liberdade que desfruta que influirá decisivamente em qualquer pretensão separatista que vier a expressar.

Podemos estar assistindo hoje a uma mudança de paradigma. Aquele da revolução francesa e do iluminismo. “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” foi substituído, ainda que por pouco tempo, pelo lema da globalização e do neoliberalismo: “Autonomia, Individualidade, Segurança”. Hoje, para uma aproximação com os movimentos separatistas pode ser pensado um novo dístico para esta alvorada do século 21: Independência, Identidade, Identificação.